

Uma cartografia das amas-de-leite na sociedade carioca oitocentista

MARIA ELIZABETH RIBEIRO CARNEIRO

*Professora do Instituto de História da
Universidade Federal de Uberlândia/MG.*

Ama de leite

Vinham bater à porta e vinham para vê-la:
Era preta e retinta; a estatura della
Não era alta, não; os modos seus, ufanos,
Mostrava apenas ter dezoito a vinte annos.

“Não foi aqui, pergunta alguém que a pretendia,
Que annunciou-se um’ama em um jornal do dia?

“- É certo, sim senhor”; de dentro brada antiga.
Matrona e se levanta. – “Olá! Ó rapariga!
Vem cá na sala, vem. Póde sentar-se. É viva
No serviço da casa, e saiba que é captiva!

Experimental-a é bom; depois della não mude:
E que atteste o doutor, se goza ou não saude.
Engomma, lava, e cose; em tudo ella é geitosa;
Sabe agradar criança, affirmo, é carinhosa
Como bem poucas há. Em quanto aos alugueis,
Por ser para quem é, são sessenta mil réis”.

“Seu filho?!”

A pobre escrava, a intristecer-se toda,
Murmura:
“Meu senhor, meu filho foi p’ra roda”¹

“*Preta, com muito bom leite, prendada e carinhosa*”². Este era o modelo ideal de ama-de-leite veiculado nas colunas dos classificados do Jornal do Commercio na capital da Corte imperial³. Naquelas páginas eram exibidos para o consumo das elites proprietárias lotes, casas, sobrados, alcovas, remédios, carroças, animais, máquinas, pianos, entre objetos variados nacionais ou importados, e também mulheres, homens e crianças, ou simplesmente “escravos” que diariamente eram vendidos, comprados e alugados.

A demanda por corpos que se distinguiam pela condição cativa, pela origem africana e por atributos que os identificavam de acordo com as especificidades de cada trabalho evidencia-se nas páginas do diário, trazendo à luz o movimento de um comércio ignóbil e a violência de relações sociais que estavam naturalizadas na sociedade carioca oitocentista. Ali, cotidianamente, eram produzidos os sinais de diferenças. Estas eram impressas nos corpos, também para reproduzir distâncias e hierarquias sociais, para delimitar espaços, posições, fronteiras e gestos que significavam o poder proprietário e a condição cativa e inferiorizada da propriedade humana.

(...) Aluga-se uma ama, pardinha, de 16 annos, com muito bom leite, na rua Cosme Velho n. 26, Bica da Rainha (Larangeiras).⁴

Alugao-se duas amas, uma de 15 annos de idade e outra de 17, tendo ambas leite superior, sendo o da primeira de 4 mezes e o da segunda de 8, sabendo lavar e engommar com toda a perfeição; na rua dos Felizes n. 2 em Santa Thereza, e a chave está na rua da Floresta n. 7K. (...).⁵

Entre os corpos definidos com os sinais de raça-etnia, idade, sexo-gênero e condição civil, os de amas-de-leite costumavam ser aqueles oferecidos, desejados e sublinhados por marcas biológicas reveladoras da singularidade de seus atributos: por marcas que identificavam a cativa mulher, portanto procriadora e nutriz. De imediato, os anúncios sinalizam para a demanda pelo leite sadio, mas, além dele, demonstram uma expectativa em relação a prendas outras da vida doméstica. Os enunciados sugerem que, paradoxalmente, apesar de reconhecidas pela capacidade para nutrir - que as

igualava à utilidade das cabras e das vacas -, apesar de serem tomadas como objetos de compra, aluguel, troca e de uso, sem que a elas fosse reconhecida a posse do próprio corpo e, geralmente, do próprio filho ou filha, desejava-se que sobrevivessem a sucessivos desterros e desenraizamentos e pudessem manifestar o traço de humanidade pela capacidade de exercitar o carinho em relação aos rebentos de famílias proprietárias.

Aluga-se uma crioula para ama, com muita abundancia de bom leite de 60 dias, do primeiro parto, carinhosa e limpa: na rua Sete de Setembro n. 227.(...)⁶

Respondendo às expectativas das famílias consumidoras do leite e do carinho, importava salientar a saúde das “peças escravas”, a idade das amas, a idade do leite, informações indicativas da qualidade dos serviços e da longevidade das rendas. Tais anúncios também sublinhavam a “boa conduta” e o “bom comportamento” de corpos que os enunciados qualificavam como “pretos”, “pardos” e “cativos”, com “leite bom, sadio e abundante”. Aliás, ao sublinharem tais características, estes enunciados produziam corpos “afiançados” e docilizados, portanto, objetos, mas também sujeitos, que insinuam resistências e remetem a comportamentos outros, que seriam indesejados por famílias proprietárias ou locadoras de seus serviços.

(...) Aluga-se uma perfeita ama de leite, de optima conducta; na rua do Conde d’Eu n. 147.(...)⁷

São anúncios que se multiplicam naquelas páginas na segunda metade do século XIX, dando publicidade às qualidades biológicas - meio animais e meio humanas – de corpos trabalhadores, procriadores e nutrizes. Em detalhes que neles imprimem marcas identitárias e ‘qualidades’, os anúncios apresentam o espectro de práticas de trabalho e das relações sociais da escravidão que estavam disseminadas no cotidiano da Corte. Exibem, portanto, a maquinaria em operação do poder escravocrata e a violência do comércio humano. Outras imagens e sentidos também apareciam nas páginas do *Jornal do Commercio*⁸.

Menos numerosos, ainda que também corriqueiros, outro tipo de marcas e ‘atributos’ imprime-se em corpos de mulheres escravizadas nos avisos de fugas. Ao contrário dos detalhes que definem corpos sadios, “bonitas figuras”, contornados por atrativos físicos e de caráter, estes veiculam sinais da vida

cativa, do trabalho incansável, exibem corpos combalidos. Nesses avisos, tornam-se visíveis mulheres mancadas, aleijadas, desdentadas, queimadas, marcadas com cicatrizes. São avisos que oferecem de 10 a 100 mil réis de gratificação a quem recuperasse e entregasse ao proprietário a propriedade perdida. Ao contrário dos anúncios, identificadas, portanto, por meio de traços, roupas e fisionomias que as singularizam, esses avisos revelam pequenas histórias de suas resistências e algumas regiões de seu trânsito. Aos leitores interessados no controle da ordem, fornecem pistas para a localização e caça de “escravas fujonas”, por eles consideradas mulheres “viciosas”, mas também desvelam insígnias que deviam ser por elas dissimuladas para a garantia da liberdade conquistada.

Atenção

(...) Continua fugida desde o dia 9 de Fevereiro a escrava Felizarda, com os signaes particulares: baixa, magra e fraca figura, tem o dedo indicador da mão esquerda alejado, uma orelha defeituosa, falta de dentes na frente, volta os pés no andar, para fora, desconfia-se que fosse desencaminhada e que esteja alugada em alguma casa ou acoutada; porisso protesta-se contra quem a tiver a seu serviço, sob pena de pagar 1\$ diários, desde o dia que anda fugida, a quem apprehender e a levar á sua senhora Maria Cândida de Menezes á rua do Sabão n. 230, receberá gratificação de 20\$000.(...)⁹

Neles, as cicatrizes são exibidas também para demarcar corpos indômitos. São sinais que, realçados nos avisos, funcionam de forma ambivalente: anunciam a prática corriqueira da violência, a coação à norma escravocrata, e divulgam gestos de transgressão a ela; são imagens que funcionam para coibir as práticas ‘condenáveis’ de fuga, ao exibirem exemplarmente a perseguição, mas também dão a ler um espaço de possibilidades de se viver às margens daquela ordem.

Procurando pensar em quantas seriam as amas-de-leite cativa na cidade do Rio de Janeiro, capital da Corte Imperial, foram analisados dados reunidos no Censo de 1849, elaborado por Hermann Burmeister, sobre a população da cidade do Rio de Janeiro¹⁰, e no Recenseamento Geral do Império, realizado em 1872¹¹. Gosso modo, foi possível visualizar o contingente de mulheres cativas em relação às mulheres libertas e livres e, também, em relação aos homens cativos, libertos e livres e perceber que, enquanto o documento de 1849 apresenta um total de 43% de homens e mulheres cativos e libertos e

57% de homens e mulheres livres, o de 1872 revela a queda relativa do número da população cativa, esta que baixou para 18% enquanto a população livre subiu para 82%.

Com o término do tráfico de africanos após 1850, a população escrava decresceu em números relativos, embora se possa considerar que a Corte ainda fosse local para onde convergiam fluxos migratórios internos de cativos, sobretudo em virtude da demanda da zona rural da lavoura do café. Com efeito, apesar do movimento geral decrescente do número de escravos, em 1872, a vizinha província fluminense apresentava a maior proporção populacional de escravos africanos do Império. Ali estavam cerca de 27,5 % de toda a população cativa¹².

Tomando por base a classificação por sexo-gênero, também fica visível a alteração da população da cidade no período. Em 1849, estimava-se que 41% desta constituía-se de mulheres e 59% de homens, sendo cativos 15% entre as mulheres e 23% entre os homens, portanto, propriedades de outros. Já em 1872, o contingente feminino da população sobe para 43% e os homens passam a representar 57%, sendo que 9% do total de mulheres e também 9% do total de homens pertenciam ao conjunto designado 'escravos'. É possível observar que, àquela altura, há igualdade de proporções entre mulheres e homens escravizados, ao contrário da relação em anos anteriores a 1850, quando predominaram entradas de escravos do sexo masculino nos portos.

A demografia escravocrata produziu uma lógica perversa, caracterizada pelo desequilíbrio entre os sexos, pela instabilidade da vida familiar, pela insalubridade e pelos altos índices de mortalidade, mais alta entre as populações escravas ou pobres e ainda maior entre as mulheres parturientes e recém-nascidos¹³. O recenseamento geral de 1872, o mais detalhado de todo o período, permite observar o quantitativo de mulheres cativas que estavam entre as idades de 16 e 41 anos nos limites do município neutro¹⁴, faixa etária que foi definida na pesquisa como representativa de corpos com potencial para a procriação e para nutrir recém-nascidos no Rio de Janeiro. Estas representavam cerca de 6% da população total do município e 14% do total da população feminina, segmento que pode ser diretamente relacionado aos 45% de mulheres livres na mesma faixa etária, que estavam em condições de procriar e, por falta do costume, de vontade, por circunstância específica, ou todas as coisas juntas, preferiam alugar ou comprar uma ama-de-leite,

conforme o hábito que estava arraigado na sociedade carioca escravocrata.

Entretanto, considerando-se a materialidade dos discursos reunidos, sobreposta à condição civil, os números designam corpos reconhecidos por marcas biológicas e culturais singulares, forjando representações que acionam significados e fazem operar tecnologias políticas de localização social. Essas marcas que localizam seres humanos na esfera representativa da inferioridade social, do desvalor do cativo, que classificam-nos pelo sexo-gênero, idade, origem e cor da pele, exprimem valores (e desvalores) reconhecidos e naturalizados. Nos discursos que tratam do trabalho, da saúde, da família, da honra, os corpos cativos aparecem impregnados e pregnantos de significados relativos ao ‘primitivo’ e ao ‘atraso’, em relação aos anseios de ‘civilidade’ e ‘progresso’.

Em outras palavras, as imagens de amas-de-leite que emergem em textos oitocentistas desvelam um imaginário nutrido por valores contraditórios, e tanto remetem ao passado colonial e escravista, quanto prefiguram um futuro ‘moderno’ e ‘civilizado’, com relações de trabalho livre, para a sociedade da capital do Império. Os diferentes conjuntos discursivos dão a ler um esforço de construção de identidades daquela sociedade, que buscava-se ordenar e, para isso, buscava incorporar um alfabeto de diferenciações fundamentadas na biologia, na medicina, em saberes-poderes que se organizam como efeitos e instrumentos da racionalidade científica. Um repertório de sinais entrelaçavam-se aos termos cotidianos, fazendo operar antigas práticas e relações escravistas que se atualizavam sob classificações da retórica investida de modernidade, esta que não desprezava as fronteiras do estatuto civil.

Segundo esses dados, a maior parte da população escrava do município estava empregada no serviço doméstico, perfazendo um total de 20.825 mulheres e homens escravos, ou 41,5% na atividade, enquanto 11,6% de cativos se distribuía em atividades agrícolas¹⁵. O total de mulheres e homens cativos na cidade do Rio de Janeiro era de 48.939, e na província era de 292.637. O município neutro, centro político da província e do Império, era também lugar privilegiado de circulação desses corpos comprados, alugados, vendidos, transferidos, perseguidos, refugiados, que reslocavam-se, portanto, dentro e fora daquela ordem.

Mais do que os números, entretanto, na elaboração dessa cartografia buscou-se a qualidade dos materiais que compõem as imagens de ‘amas-de-leite’ e a espessura de suas experiências discursivamente tratadas. Em um percurso aberto pela procura e emergência do objeto em diferentes suportes,

foram reordenados certos materiais e analisadas suas condições de possibilidade; foram reconstruídos territórios em que elas figuraram, para reler essas e outras imagens que circunscrevem as práticas do aleitamento em representações da vida pública e privada. Observa-se, nesse mapeamento, que suas práticas costumaram ser mais ou menos condenadas, requisitadas, exploradas, recordadas e também re-significadas. No percurso entre instituições, arquivos, escaninhos, pastas, na pesquisa de documentos, na articulação de discursos e referências dispersas, pistas que algumas vezes se desdobraram em outras, na intenção de reler fragmentos e contornos para recompor a materialidade de suas imagens, uma pergunta orientava essa trajetória: o que significava ser ama-de-leite na sociedade carioca oitocentista?¹⁶

...Rosa Cassange, Anna Crioula, Felisberta Mina, Suzana Benguela, Polucena Crioula, Catharina Rebola, Felizarda Cabinda...

CASA DOS EXPOSTOS

Precisa-se de amas de leite para a casa da roda, á rua do Evaristo da Veiga n.72. Secretaria da Casa dos Expostos, 22 de Agosto de 1887 – O escripturario, João de Araújo Costa.¹⁷

Os textos de viajantes e, também, o *Jornal do Commercio* indicavam que elas estiveram na Santa Casa da Misericórdia. Com efeito, ao buscar no arquivo daquela instituição¹⁸, foram encontradas referências às amas-de-leite em registros da Casa dos Expostos, também chamada Casa da Roda, ou Roda dos Expostos, seção daquela entidade que alugava mulheres para aleitar crianças enjeitadas no Rio de Janeiro. Os nomes das amas-de-leite estavam em listas contábeis de pagamento mensal com os valores pagos a seus proprietários¹⁹. Poucas delas, identificadas por seus nomes assinalados com a qualificação “livre”, geralmente aparecem ao lado de valores que a elas foram destinados pelo trabalho de nutriz. A maioria desses registros, entretanto, indicava que os serviços eram prestados por cativas, cuja presença se evidenciava pelos nomes compostos com referência à cor da pele e aos locais de origem, além de aparecerem atrelados aos nomes de proprietários (extensos e precedidos de títulos de nobreza, que identificavam a localização e o reconhecimento social, também pela propriedade de terras, fazendas, lavouras, animais e seres humanos, entre outros bens). Muitos deles eram magistrados, desembargadores, conselheiros, distinguidos na assinatura dos

recibos como Viscondes, Marquesses e Barões, além de médicos e padres, ou seja, integrantes da população livre que desfrutava do trabalho e da propriedade escrava, das rendas do leite e dos poderes municipais e imperiais.

A importância de seus corpos é visível na engenharia daquela instituição social que, ao funcionar como um abrigo de crianças abandonadas no Rio de Janeiro, servia para guardar a honra de mães, pais e famílias que ali deixavam os filhos por motivações morais ou financeiras²⁰. Além da Roda dos Expostos que ocultava o filho natural, fruto da carestia e da sedução e da sexualidade considerada fora da norma, a instituição administrava o Recolhimento das Órfãs, este que também destinava-se a resguardar a honra da família, sobretudo a honra feminina, e os padrões de comportamento, de acordo com o modelo de contrato de união matrimonial que se pretendia difundir, contribuindo, assim, para o equilíbrio daquela ordenação social²¹.

As listas exibem nomes, quantidades e os valores auferidos com o aluguel de seus corpos e serviços entre 1847 a 1888, delimitando o período em que a instituição se organiza por meio de reformas na estrutura física, funcional e administrativa. A leitura dos documentos possibilita acompanhar o movimento daqueles serviços, a dinâmica dos aluguéis, bem como perceber relações entre a produção econômica e política da instituição familiar, que inclui a produção da prole, da honra e do abandono, do leite e das rendas do cativo, entre o intercâmbio de generosidades pias e de privilégios seculares, entre a distinção das posses e a produção cotidiana de desapossamentos.

As décadas de 50 e 60 representaram o auge desse movimento, quando cresceu a demanda por amas-de-leite na instituição. Com efeito, as práticas do abandono e do aleitamento cativo andaram juntas e se tornaram mais expressivas nessas duas décadas²². Em 1858, a Roda dos Expostos chegou a receber 697 crianças²³. O conjunto, a relação entre nomes e números demonstram a presença fundamental dos corpos nutrizes de mulheres cativas movimentando aquela Roda e deixando entrever aspectos da engrenagem da instituição, bem como da economia financeira e simbólica do sistema escravocrata e cristão. Todavia, também foi possível perceber contradições, que tornavam esses discursos dissonantes. Outros textos revelam uma contraface do estabelecimento voltada para a promoção da racionalidade científica em seus esforços evidentes no sentido de instituir fundamentos e operar preceitos que configuram a positividade da medicina higiênica, desvelando sua relevância modernizadora e sua função ordenadora naquela sociedade²⁴.

Além do amparo aos pobres, às órfãs e enjeitados, do sepultamento dos mortos, a irmandade administrava o Hospital Geral do Rio de Janeiro²⁵. Vinculado à Faculdade de Medicina, era ali que surgia a medicina como prática e discurso científico, como saber sobre os indivíduos, e como exercício da racionalidade disciplinar²⁶. Lá, ao tratarem os doentes, os médicos desenvolviam empírica e teoricamente os estudos da ciência que se organizava política e institucionalmente, e cuidavam de difundir as prescrições para a saúde, as regras para a família e a sociedade. A alta mortalidade de crianças era objeto do interesse da medicina e do Estado, e geralmente era atribuída às condições singulares do aleitamento escravo²⁷.

Aliás, não só a imagem da criança, como também da mulher, entendida como corpo biológico destinado a cumprir o papel de “mãe-verdadeira”²⁸, do aleitamento ideal vinculado ao exercício do “amor materno”²⁹ eram categorias que se repetiam em discursos da instituição e não apenas nela³⁰, mas também em anais e publicações da medicina e em revistas femininas. Não por acaso, parte dessa sociedade investe na reiteração de uma representação de mulher e de um padrão de família que não prescindiria de explicações científicas, encenações e gestos que performam a norma e o modelo a ser difundido que deveria ser mirado e seguido, conforme prescrevia a verdade higiênica.

Enunciados científicos, todavia, invocam o “valor sagrado” do aleitamento materno, também para amplificar uma certa “voz da natureza”, e não escondem a sintonia com o divino para promover a “nobre tarefa”: esta que investe o corpo de “prazeres” na prática do “dever sagrado” e imperioso.

(...) Desde o momento, em que a mulher pare, está sujeita a esse dever sagrado, imposto pela natureza de aleitar seu filho: não só porque seu interesse pessoal a isso a obriga, mas ainda porque a conservação d'elle imperiosamente o exige. Mas aquella que o aparta de seus peitos, que faz calar em seu coração a poderosa voz da natureza, e que despreza emfim esse imperioso dever, não tem direito ao sagrado titulo de mãe, não é a verdadeira mãe. (...) ³¹

Mulher, sexualidade, maternidade, infância, família moderna, entravam, portanto, na ordem do discurso médico, onde as práticas de amas-de-leite cativas, porque costumeiras e arraigadas, passam a ser consideradas

“mercenárias”³². É significativa a produção de teses na Faculdade de Medicina que apresentam o corpo feminino, a reprodução e o aleitamento como objeto e estratégia disciplinar. Os textos exprimem a urgência, a necessidade do controle individual e coletivo da sociedade para assegurar a vida, a saúde, garantia do “futuro dos filhos” e do progresso da nação³³.

Tributários do ideário produzido na academia francesa, efeitos e instrumentos dessa preocupação política, esses estudos esquadriham o corpo da mulher, classificando órgãos, tecidos, substâncias. A imagem da mulher aparece cuidadosamente modelada com base no corpo-procriador da biologia. Uma identidade fixa, um padrão de ser, uma norma de existência é configurada, cujo sentido é a reprodução física da espécie e a saúde moral da sociedade. Materializadas nos corpos feitos em mulher, as peças do discurso da natureza engendram uma pedagogia da reprodução e da família, uma teoria da maternidade, uma normatização da conduta de “mãe verdadeira” com vistas à normalização da sociedade moderna. A abordagem pormenorizada do corpo em suas repartições e classificações físicas, em seus mecanismos fisiológicos e seus significados engenhosamente construídos são reveladores dessa projeção normativa, disciplinar e normalizadora do pensamento médico-higienista sobre o corpo e a mulher³⁴.

(...) Não é somente para embellezar a mulher e ser um dos seus mais seductores attractivos, que a natureza depositou n’ella esses pomos; porém são ainda destinados para uma grande e importante função. A natureza, sublime em todas as suas obras, adicionou-lhes à beleza a bondade, ao agradável a utilidade; assim pois as mamas que são o mais seductor ornamento da mulher e o cumulo de sua perfeição e belleza, além dos encantos, graças e dos mil outros dotes que a natureza com tanta prodigalidade lhe liberalizou, e cuja organização acabamos de ver, são sobretudo destinadas a elaborar e secretar um fluido nutritivo, que deve entreter e sustentar a fraca e vacilante chama de vida na mais tenra infância do homem; este fluido é o leite. (...) ³⁵

Insistentemente, as imagens de amas-de-leite estão nos textos dessa ortopedia discursiva, particularmente da medicina, ao tratar da importância do aleitamento materno em relação àquela forma de aleitamento usual. Nessa pedagogia disciplinar, as imagens das cativas estariam entre os fatores explicativos da alta taxa da mortalidade infantil³⁶.

Não só as escravas aparecem definidas na engenharia fisiológica que privilegia o aparelho reprodutor e as mamas. Determinadas pelo funcionamento como nutrizas, tal como foram preparadas pela natureza, corpos que procriam são comparados às jumentas, às éguas, às vacas, carneiras e ovelhas, não apenas pelas qualidades químicas do leite, mas também pelo temperamento. Contracenando com o aleitamento idealizado nas imagens disseminadas de “mães verdadeiras”, as amas-de-leite, mulheres escravizadas, seqüestradas de seus corpos e seus rebentos, roubadas de seus entes e de seus destinos, são tratadas pelo saber médico como “indolentes”, “estúpidas”, “saturadas de moléstias transmissíveis e mortais”, em suma, verdadeiras “manchas de virtude e de reputação”³⁷ na sociedade.

Por habitarem o interior da família que se pretende higienizar, os textos sugerem que as cativas são convocadas pelo “desleixo” e pelo “egoísmo imperdoável” de “mães desnaturadas” e representam o próprio “flagelo e desgraça”, ao mesmo tempo o signo e o sintoma da patologia social. Segundo os textos médicos, elas trazem as moléstias, como os pântanos das cidades, materializando a infelicidade e disseminando a “degeneração dos costumes”, a “discórdia”, a “desarmonia”, a “imoralidade da família” e a morte das crianças. Ao condenar as “mães negligentes” e as práticas do aleitamento “mercenário”, o discurso médico reiterava a necessidade de se extinguir os focos da corrupção moral desenhados e lidos nos corpos das mulheres e na ordem escravocrata, esta que produzia cotidianamente o “leite estranho e bastardo” de mulheres consideradas “libertinas e dissolutas”³⁸.

Nesse esforço de pedagogia, as teses muitas vezes reproduziam os mesmos trechos e as mesmas idéias – inclusive alguns extraídos (e traduzidos) literalmente do manual rousseauiano. E, de acordo com esses textos, enquanto as “mães desnaturadas” não conseguissem despertar para sua responsabilidade civil (mulheres que não deviam ser pouco numerosas nem aqui nem na França), os médicos recomendavam que as famílias cuidassem de escolher a “boa ama” e, para isso, precreviam exame médico rigoroso. Eram prescrições e rigores que, se observados, poderiam garantir a seleção daquelas que apresentassem aptidões físicas e virtudes morais, livrando a sociedade de “disposições hereditárias” consideradas nefastas, dos “germens” da escravidão e dos “funestos efeitos sobre a economia dos pequenos entes”³⁹.

Enquanto não pudesse prescindir das práticas do cativo, portanto, era importante que as instituições políticas e as famílias proprietárias se

dedicassem a controlar práticas costumeiras, que àquela altura do século XIX, eram consideradas pela autoridade médica como “bárbaras, corrompidas e corruptoras” de mulheres “sem asseio”, “preguiçosas”, estas que deveriam ser banidas para que a cidade pudesse crescer e a nação pudesse progredir. O assunto aparece veiculado em teses, artigos da imprensa, projetos de leis e posturas que tratam da necessidade de se criar instituições e regulamentações destinadas à promoção do controle, à eficiência da fiscalização, também por uniformização dos serviços de uma das “indústrias mais lucrativas” da Corte: a “indústria do aleitamento mercenário”. Não só para controlar e higienizar suas práticas, mas também para difundir a verdade científica e consolidar a autoridade política da medicina⁴⁰.

Em contraponto ao modelo de mulher-mãe, princípio original e elementar da ordem social, também encarnado nas imagens de “donzelas” ou de “mães-verdadeiras”, é visível nesses textos a produção da norma, trespçada por imagens da resistência. Os estudos insistem em retratar mulheres que “deslembram ou desconhecem os sentimentos sublimes da maternidade” para desfrutar dos “bailes, teatros e salões cariocas”, na França e no Brasil, dando a ler comportamentos de outros corpos femininos reconhecidos na forma de mães “ingratas, bárbaras, negligentes, desnaturadas”, mulheres “depravadas”, que corrompem leis consideradas universais da natureza, ou seja, leis que definem a vocação e a destinação feminina de forma inequívoca para a “castidade, a pureza, a inocência”⁴¹.

CORPOS ANÔNIMOS, DESAPOSEADOS E RECAPTURADOS PARA EXIBIÇÃO

Figuras de amas-de-leite também aparecem retratadas por pintores que buscavam o exótico, procurando compor paisagens sociais com conteúdos excêntricos, carregados de cores pitorescas e sentidos modelados pelo olhar estrangeiro, geralmente preconceituoso e classificador de estrangeiros. Gravuras muito semelhantes de Debret⁴² e de Chamberlain⁴³ retrataram a família brasileira em passeio para mostrar a hierarquia daquela instituição, o lugar reservado ao pai, à mãe, aos criados e aos escravos. No final da fila indiana, lugar distintivo da escravaria, sinalizada por portar a criança ao colo, a ama-de-leite também representava o *status* de família proprietária e se destacava na rede de relações familiares. As imagens da família encerram e exprimem

significados, exibindo a paisagem social, veiculando tradições, saberes e valores do patriarcado escravocrata numa singela exposição do passeio nas ruas da cidade. Assim, a expressão pictórica contribui para reconfigurar e difundir a norma social, redesenhando os contornos de suas diferenças, ensinando o observador a lê-la e, também, retratá-la, segundo os cânones da pintura e daquela ordem.

Litogravuras, aquarelas e fotografias costumaram retratar amas-de-leite para reproduzi-las em álbuns, paredes e porta-retratos, fazendo circular na rede da sociedade apartada, imagens de diferenças e assimetrias impressas em gestos configuradores de padrões naturalizados que configuravam um modelo de família brasileira. Invocando sentidos do passado escravocrata no suporte indicativo da modernidade, as imagens refiguram relações de dominação, que tornam mães pretas inteligíveis em seus corpos anônimos, desapossados e recapturados para exibição: inúmeros ateliês fotográficos montaram, produziram e reproduziram imagens bem adornadas de mulheres com crianças ao colo - mucamas com seus sinhozinhos -, que se disseminaram em *cartes-de-visite*, veiculando um espetáculo particular, um teatro político de luzes e sombras, possibilitando, hoje, enxergar olhares vivos que estão mortos, entranhados em uma dramaturgia histórica não inocente ou aleatória, ao contrário pródiga e pedagógica. Trata-se de um alfabeto iconográfico engendrado para designar diferenças e que se propaga para remarcar desigualdades e amplificar poderes, projetos, temores, esperanças...

Há uma tela tratada em óleo com a figura de ama-de-leite na parede do Museu Imperial de Petrópolis⁴⁴. Em postura das madonas renascentistas, ela é a única imagem de mulher escravizada entre os inúmeros quadros que exibem as figuras da realeza. Aparece entre outras imagens de corpos brancos revestidos em fardas, rendas, babados, medalhas, cruces, placas, colares, brincos, e outros emblemas do poder monárquico. Mas, ao contrário das linhas duras, dos trajés escuros e fechados e das feições sérias expressivas da discrição e do recato, significativas de mulheres da aristocracia, a roupa simples com a alça caída, as linhas sinuosas do corpo e o meio-sorriso remetem à idéia-imagem da sedução. Sugerem o apelo que representa, ainda hoje, o exótico, o excêntrico, também pela posição de subalternidade, que investe da idéia de uma disponibilidade ilimitada o corpo negro e cativo feito em mulher. São traços que insinuam, particularmente, a sexualidade que se procura imprimir à flor da pele, sobre corpos de pele negra ou parda que se exploram, se

distribuem, se repartem, compram, vendem, alugam e dos quais se toma posse em seu precioso desvalor⁴⁵.

Nessa trajetória cartográfica, as imagens de amas-de-leite e de mãe-preta também reaparecem em discursos da literatura. Ao encenar o drama intitulado *A Mãe*⁴⁶, José de Alencar tratou de encenar o “martyrio sublime” da maternidade, mais uma vez, no corpo de mulher escravizada. A encenação da fuga nas ruas do Rio de Janeiro reaparece na luta do *Pai contra Mãe*⁴⁷, conto em que Machado de Assis reconstrói a imagem da mulher procriadora e cativa retomada sob a corda e os golpes do caçador urbano. Este, protagonista, livre, “capitão” das ruas, que a devolveria ao proprietário e ao cativo, com o filho desfeito em sangue e o ventre dilacerado. Significativamente, as trajetórias das personagens Joanna e Arminda reencarnadas no Rio de Janeiro teriam desfecho trágico e foram construídas como metáforas de tantas lutas travadas coletiva e cotidianamente.

Recriada na memória de Augusto dos Anjos⁴⁸, a imagem de ama-de-leite serviria para nutrir o questionamento moral da família e da sociedade escravocrata e patriarcal. A lírica do poeta encena o furto das moedas do pai pela ama-de-leite e o furto do leite, do suor e dos destinos de mulheres que sobreviveram ao cativo. Assim, ele propõe uma inversão literária que reverberaria, despejando outros sentidos nos registros da memória social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurar imagens de amas-de-leite nos becos e travessas discursivas foi tarefa pela qual pretendi dar visibilidade às experiências de mulheres que viveram na sociedade carioca e foram reconhecidas como escravas em condições de aleitar. Designadas como reprodutoras, nutrizas, cativas, eram ‘amas-de-leite’ dos filhos de famílias proprietárias, mas não tinham direito aos filhos e à maternidade. Ao contrário, foram enxergadas em sua disponibilidade para o trabalho compulsório, particularmente para o aleitamento de filhos outros, e reconhecidas em seus corpos negros, pardos, cotidianamente alugados, vendidos, comprados, herdados, transferidos, repartidos, explorados, usados e abusados.

Não as encontrei em suas próprias falas - também soterradas no exercício político da produção de identidades -, mas em imagens cunhadas no discurso

social e procurei decifrar suas marcas e sinais, seus corpos e silêncios. Encontrei-as em diferentes redutos da sociedade patriarcal e escravocrata, atravessadas pela positividade de saberes, expostas em representações letradas, figuradas, sexuadas, reveladoras de uma polissemia, que não escondem expressões de força e a dinâmica dos poderes. São representações que também pretendem confiná-las, por isso não dissimulam o exercício maniqueísta da lógica binária, valorativa, que aciona na imagem de ama-de-leite ou mãe-preta a figura do referente masculino, proprietário e livre, presumidamente branco e civilizado. Mulheres negras e cativas também contracenam com as imagens não menos monolíticas, que se referem às mulheres livres e proprietárias tingidas em branco, no jogo das representações binárias.

A política de produção dos corpos de amas-de-leite, a positividade dos saberes que os atravessam e seus efeitos, se evidenciam na cartografia traçada - as imagens foram produzidas, disseminadas e reunidas em fotografias dos álbuns de retratos, em quadros nas paredes, em jornais, revistas e livros, em teses da medicina nascente, regulamentos do Legislativo, nos registros da Misericórdia. Ganharam significação e visibilidade histórica em seus corpos confinados e confiscados, imersos em uma multiplicidade de acontecimentos médicos, familiares, urbanos, comerciais, trabalhistas, administrativos, protocolares, filosóficos, em suma, históricos. Enredadas em teias discursivas, elas aparecem para dar a ler a dinâmica das rendas da escravidão, mas também o processo de medicalização da sociedade, de construção do conhecimento científico, as práticas de significação do corpo da mulher, permitindo a problematização de referências morais de uma sociedade que, embora ainda escravista, parecia deslocar-se entre muitas lutas para incorporar e instituir referências paradigmáticas da modernidade, estabelecendo uma ordem social que pudesse tanto abrigá-las e explorá-las como extingui-las ou ressignificá-las.

No ponto de chegada deste percurso, definido pelo próprio objeto de investigação, o desafio consistiu em compor uma cartografia que contribuísse não apenas para dar visibilidade às “amas-de-leite”, mas sobretudo para desnaturalizar suas imagens e pensar as condições de seu aparecimento histórico e, assim, desvelar mecanismos políticos e discursivos que as produzem como cativas, ou mulheres confinadas na experiência da escravidão, da procriação e da amamentação, em diferentes espaços da sociedade oitocentista sob diferentes/semelhantes modos de objetivação/subjetivação.

Ressonantes, ambivalentes, as imagens de mães-pretas remetem a lutas surdas, a resistências cotidianas e, principalmente, a sucessivas separações e desterramentos e serviram para a construção de referências identitárias da nação. Ela ressurgiu, por exemplo, para apaziguar os registros da memória social, ao nutrir a imagem de “suavidade do leite preto”, de Joaquim Nabuco, ou da “nossa senhora amulatada com os peitos de mãe-preta”, de Gilberto Freyre; reaparece, também, na formulação da idéia-imagem do “povo indolente, fraco, fortemente sexualizado”, ou dos “malefícios” decorrentes da escravidão e da intimidade do lar, de Caio Prado Jr, consideradas seqüelas culturais que se originam na figura (e responsabilidade) do “ventre degenerador” de mulher negra, tão cara aos teóricos racialistas.

Muitos se serviram dessas imagens para reafirmar a mestiçagem como defeito ou qualidade. A desconstrução proposta é uma maneira de nos servirmos delas novamente, mas, agora, para retirar a neutralidade e a inocência desses discursos; para “despresentificar” esses signos, para “substituir o tesouro enigmático das ‘coisas’ anteriores ao discurso pela formação dos objetos que só nele se delineiam”⁵¹; para historicizar a construção de suas imagens e seus usos; em suma, para combater as formas do racismo, sexismo, misoginia, da exploração e da violência que emprenham e veiculam, em diferentes tempos e lugares, as linguagens do patriarcado. Imagens de amas-de-leite servem, por fim, para nutrir olhares, corpos e corações que respeitam as diferenças e comemoram as diversidades.

NOTAS

¹ MORAES FILHO, MELLO. *Poemas da Escravidão*. Apud MORAES, Evaristo de. *A Campanha Abolicionista. 1879-1888*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro, 1924.

² O artigo é um exercício de síntese da tese de doutoramento defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília: *Procura-se “Preta, com muito bom leite, prendada e carinhosa”*: uma cartografia das amas-de-leite na sociedade carioca oitocentista (1850-1888), elaborada com bolsa de estudos do CNPq. mariaer Carneiro@gmail.com

³ Foram analisados anúncios em exemplares microfilmados do *Jornal do Commercio* de 1850 a 1888. Seção de Periódicos da Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

⁴ *Jornal do Commercio*, sexta-feira, 12 de abril de 1872.

⁵ Jornal do Commercio, terça-feira, 9 de abril de 1872.

⁶ Jornal do Commercio, *terça-feira*, 6 de julho de 1872.

⁷ Jornal do Commercio, sabbado, 3 de agosto de 1867.

⁸ Entre 1850 e 1872, o número de portugueses dobrou (de 1/10 para 1/5 da população total), caindo a porcentagem referente aos escravos e também africanos, alterando a composição social da população urbana. A população total pouco aumentou. Dos 206 mil habitantes em 1850, 79 mil eram cativos (38%). Dos 274.972 estimados em 1872, 48.939 eram escravos (17,8%). ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In: NOVAIS, F. (Dir.) & ALENCASTRO, L.F. (Orgs.) *História da Vida Privada no Brasil. Império: a corte e a modernidade nacional*. Vol.2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp. 24-31.

⁹ *Jornal do Commercio*, sabbado, 6 de abril de 1872.

¹⁰ Censo de 1849. BURMEISTER, Hermann. *Viagem ao Brasil através das Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais...* Trad. Manoel Salvaterra e Hubert Schoenfeldt. São Paulo, 1952, p.325. Apud KARASCH, Mary C. *A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro. 1808-1850*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 112.

¹¹ Quadros Geraes. *Recenseamento da População do Império do Brasil a que se procedeu no dia 1º de agosto de 1872*. FBN. OR-94, n.1.

¹² CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 200.

¹³ Sobre o tráfico atlântico, a reprodução e a lógica empresarial do escravismo, ver: FLORENTINO, Manolo. *Em Costas Negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro.(séculos XVIII e XIX)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 e FLORENTINO, Manolo e GÓES, José Roberto. *A Paz das Senzalas: famílias escravas e tráfico atlântico*. Rio de Janeiro, c.1790–c.1850. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. E, também, KARASCH, Mary C. *A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro. 1808-1850*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, pp. 166-167. Sobre a balança negativa de crescimento da população escrava, Viotti refere-se aos estudos realizados por Peter Eisemberg, Warren Dean, Robert Slenes e Carvalho de Mello. COSTA, Emília Viotti da. *Da Senzala à Colônia*. 4. ed. São Paulo: Unesp, 1998, p. 50.

¹⁴ Município Neutro¹⁵

¹⁶ CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade*. *Op. cit.*, p. 200.

¹⁷ A pesquisa foi realizada no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, no Arquivo Nacional, no Arquivo da Santa Casa da Misericórdia e na Biblioteca Nacional.

¹⁸ Jornal do Commercio, segunda-feira, 29 de agosto de 1887.

¹⁹ Arquivo da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro.

²⁰ Folha para pagamento dos vencimentos (...). Lata 746-A. ASCM.

²¹ Sobre o assunto, ver: VENÂNCIO, Renato Pinto. *Famílias Abandonadas. A assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador. Séculos XVIII e XIX*. Campinas, SP: Papyrus, 1999, p. 82; SÁ, Isabel dos Guimarães. *Quando o Rico se Faz Pobre: Misericórdias, caridade e poder no Império Português, 1500-1800*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997; MARCILIO, Maria Luiza. A roda dos expostos e a criança abandonada na história do Brasil 1726-1950. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.) *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez Ed./USF-IFAN, 2001; RUSSEL-WOOD, A. J. R. *Fidalgos e Filantropos: a Santa Casa da Misericórdia da Bahia, 1550-1755*. Col. Temas Brasileiros. Trad. Sergio Duarte. Brasília: EdUnB, 1981; TRINDADE, Judite Maria Barboza. O abandono de crianças ou a negação do óbvio. In: *Revista Brasileira de História. Infância e Adolescência*. n. 37. São Paulo: ANPUH/FFLCH-USP/UERJ, 1999; outras referências bibliográficas na tese.

²² PATEMANN, Carole. *O Contrato Sexual*. Trad. Marta Avancini. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

²³ Os registros de mortes de crianças abandonadas são expressivos. Em um ano após o abandono na roda, entre 41,4% e 78,1% dos bebês morriam. KARASCH, Mary C. *A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro 1808-1850*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, Capítulo 4, p. 155-6.

²⁴ A falta de leite e de recursos financeiros era argumento que costumava justificar o abandono da criança na Roda. O bilhete deixado com a criança revela a expectativa dos pais: “É este menino filho de Pais Nobres e Vossa Mercê fará a honra de lhe criar em casa que não seja muito pobre e que tem escravas que costumam criar essas crianças”. Matrícula de 26 de setembro de 1824. Casa da Roda de Salvador. Apud VENÂNCIO, R. *Op. cit.*, p. 79.

²⁵ FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004., pp 68095.

²⁶ O Hospital fora virtualmente fundado em 1582 pelo jesuíta José de Anchieta. As condições de atendimento na Misericórdia foram consideradas pouco eficientes até a gestão das irmãs vicentinas (1852). Em 1810, as crianças eram deixadas na própria Santa Casa, nas imediações do Hospital. Em 1840, a Casa da Roda seria transferida para a rua Santa Thereza e, dez anos depois, para o cais da Glória. Em 1860, passaria a funcionar na rua dos Bourbons ou dos Barbonos, atual Evaristo da Veiga, onde permaneceu até

²⁷ MACHADO, Roberto et al. *Danação da Norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1978, , pp. 353-72.

²⁸ “Alguns expostos chegavam mortos e a maioria não sobrevivia ao primeiro ano de abandono. (...) Em condições normais, ou seja, utilizando-se de amas-de-leite, a cada dez enjeitados, três ou quatro sobreviviam ao abandono”. VENÂNCIO, R. P. *Op. cit.*, pp.108-10.

²⁹ SWAIN, Tânia Navarro. As teorias da carne: corpos sexuados, identidades nômades. *Labrys, Estudos Feministas*, 1-2:4, jul./dez. 2002.

³⁰ BADINTER, Elisabeth. *Um Amor Conquistado. O Mito do Amor Materno*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, pp. 145-7.

³¹ Sobre tecnologias de gênero e educação feminina no oitocentos, ver: MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. *Um Toque de Gênero: história e educação em Minas Gerais (1835-1892)*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília; Finatec, 2003.

³² MEIRELLES, Zeferino Justino da Silva. *Breves Considerações sobre as Vantagens do Aleitamento Maternal*. These apresentada à FMRJ em 9 de dezembro de 1847. Rio de Janeiro: Typ. do Diário de N. L. Vianna, 1847, p. 11.

³³ A palavra parece deslocada de sua acepção original, já que “mercenário” seria aquele/a que age por um soldo ajustado, ou apenas por dinheiro, é interesseiro/a. No caso das cativas, não eram elas que recebiam as rendas do leite que produziam. Depreende-se do termo, afora o deslocamento do sentido, a substância que desqualifica o serviço e o identifica às vantagens, venalidades ou à natureza corrompida de seu prestador, quer dizer, suas prestadoras, genericamente entendidas como escravas.

³⁴ Foram consultadas Teses apresentadas à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro por: José Ribeiro dos Santos Zamith (1869). *Do aleitamento natural, artificial e mixto em geral e particularmente do mercenário em relação às condições da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typ. do Apostolo, 1869; Murillo Mendes Vianna (1869). *Do aleitamento natural, artificial e mixto em geral, e particularmente do mercenário em relação às condições da cidade do Rio de Janeiro*; Luiz Augusto Corrêa d’Azevedo (1872). *Do aleitamento natural, artificial e mixto em geral, e particularmente do mercenário em relação às condições em que se acha na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typ. Academica, 1873; Juvenal Martiniano das Neves (1873). *Do aleitamento natural, artificial e mixto em geral, e particularmente do mercenário em relação às condições da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typ. da Reforma, 1873; Celso Eugênio dos Reis (1874). *Do aleitamento natural, artificial e mixto em geral, e particularmente do mercenário em relação às condições da cidade do Rio de Janeiro*. Typ. e Liv. De Oliveira e Silva, 1874; Thomaz Eboli (1880). *A Higiene e os prejuízos que causam uma má amamentação*. Rio de Janeiro: Typ. Popular de C. de Vasconcellos, 1880.

³⁵ “(...) o saber da medicina clínica é o conjunto das funções de observação, interrogação, decifração, registro, decisão, que podem ser exercidas pelo sujeito do discurso médico”. FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, p. 206-7.

³⁶ MEIRELLES, Z. J. S. *Op. cit.*, p. 6-7.

³⁷ Entre as causas gerais, apontava-se a “privação do carinho maternal”, o “número elevado de crianças e sua acumulação num mesmo espaço; os “remédios venenosos” transmitidos no ventre de “mães desumanas”; os “maus tratos e privações” por que teriam passado antes de sua entrada. GONÇALVES, M. de A. *Op. cit.*, p. 115.

³⁸ NEVES, J. M. das (1873). *Op. cit.*.

³⁹ MEIRELLES, Z. J. S. *Op. cit.*, p. 20-1.

⁴⁰ MACHADO, Roberto et al. *Op. cit.*, pp. 353-72.

⁴¹ NEVES, J.M. *Op. cit., passim.*

⁴² ROUSSEAU, J-J. *Emílio ou da Educação*. Trad. Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973,

p. 20 e, também, MEIRELLES, Z.J.S. *Op. cit., passim.*

⁴³ DEBRET, Jean Baptiste. Litogravura. Um funcionário do governo sai a passeio com a família. In: MORAIS, Rubens Borba e VILLAÇA, Antonio Carlos. *O Brasil de Debret*. Col. Imagens do Brasil. Vol 2. Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Villa Rica Editoras Reunidas, 1993, p. 33.

⁴⁴ CHAMBERLAIN, H. Litografia. Uma família brasileira. In: CHAMBERLAIN, H. *Vistas e Costumes da cidade e arredores do Rio de Janeiro em 1819-1820*. Trad. e Prefácio Rubens Borba de Moares. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria Kosmos Editora. Erich Eichner & Cia Ltda, s.d.

⁴⁵ Mucama com criança ao colo. Óleo sobre tela, sem assinatura, sem data [meados do século XIX], 0,55 x 0,44m RG MI 2.055. Acervo do Museu Imperial.

⁴⁶ Góes e Florentino observam a valorização de escravas do sexo feminino na faixa de 15 a 40 anos de idade, sobretudo crioulas, da ordem de 10,2%, no período de 1826-30 (os cativos teriam tido valorização de 8,5% no mesmo período), nela observando a valorização da capacidade reprodutiva da cativa. GÓES, José Roberto e FLORENTINO, Manolo. *A paz das senzalas. Famílias escravas e tráfico atlântico, Rio de Janeiro, c.1790-c.1850*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977, p. 70-1. Viotti observa valorização maior nos preços de escravos a partir de 1850, acompanhando a alta geral dos preços e a queda na oferta de cativos. Valorização ainda maior após 1870, com as restrições interpostas à

circulação interprovincial. Só a partir de 1885 haveria uma depreciação do valor da mercadoria humana, quando também o café começa a cair. Segundo a autora, as variações de acordo com o sexo e a idade foram mantidas. COSTA, Emília Viotti da. *Da Senzala à Colônia. Op. cit.*, pp. 251-5.

⁴⁷ ALENCAR, José de. Mãe. Drama em quatro actos. In: *José de Alencar com uma Introdução por Mario de Alencar. Collecção Áurea*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1922.

⁴⁸ In: ASSIS, Machado de. *Relíquias da Casa Velha*. Vol. 2. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W. H. Jackson Inc. Ed., 1946.

⁴⁹ *Ricordanza della mia gioventú*. In: ANJOS, Augusto dos. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

⁵⁰ Conceito aqui entendido como “norma cultural que regula a materialização dos corpos”, pensado como “matriz de inteligibilidade regulatória” que materializa os corpos em dois, não como “dato biológico sobre o qual o sexo é imposto”. BUTLER, J. *Op. cit.*, pp. 154-5.

⁵¹ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, pp. 78-87.

⁵² FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber. Op. cit.*, p. 54.

RESUMO: O que significava ser “ama-de-leite” na sociedade carioca oitocentista? A pergunta orientou a trajetória de pesquisa, pela qual buscou-se analisar representações de “amas-de-leite” e das práticas do aleitamento na Corte Imperial. Em estudos da medicina, textos da imprensa, ofícios da administração pública, expressões da literatura e da iconografia, aparecem “amas-de-leite”, assim nomeados os corpos de mulheres africanas ou descendentes, geralmente negras ou pardas, que eram compradas, vendidas, alugadas para amamentar os filhos de famílias proprietárias. O conjunto discursivo revela a reiteração de um enunciado e uma política que, por meio de códigos institucionais e práticas positivas, visa a ordenar a sociedade escravocrata e patriarcal. Mensurados em valores financeiros e simbólicos, corpos de amas-de-leite aparecem designados sob marcas de sexo-gênero, raça-etnia, idade e de condição civil; articulam o alfabeto de sinais ou repertório de diferenças, significativo daquela arquitetura de relações e desigualdades sociais.

ABSTRACT: What did it mean to be “*ama-de-leite*” in Rio de Janeiro’s nineteenth century society? The question guides the research made through discourses of medicine, press, public administration, literature and iconography. “*Amas-de-leite*” were recognized in their African or descendant black or dark skin female bodies that used to be bought, sold or rent to nourish owner’s families sons and daughters. Their images/representations reveal a politics, considering institutional codes and the positiveness of knowledge, where identities emerge also to control and put in order an enslaver and patriarchal society. Bodies reveal sex-gender, race, age and civil condition features, and the effort to classify, to point physical differences out, to materialize an alphabet and an architecture of relations and social inequalities.